



O SINISTRO NA LITERATURA DE HORROR: PSICANÁLISE DO MEDO EM *DEVIL IN OHIO*

Bella Beatriz Martins Gomes de Oliveira¹

Resumo: Na literatura de horror, o sinistro é uma variedade da experiência estética que altera aquilo que é conhecido, tingindo-o com os tons do desconhecido para se tornar perturbador. O objetivo deste estudo foi mostrar que a crítica freudiana do sinistro auxilia na compreensão das condições de produção/manipulação do sujeito na literatura de horror, a partir da análise literária narrativa da obra cinematográfica *Devil in Ohio*. Foi feita uma revisão bibliográfica, em livros, artigos e bancos de dados acadêmicos virtuais, publicados entre 2013 e 2022, que tratassem sobre a psicanálise do medo na literatura de horror. A minissérie *Devil in Ohio*, lançada pela plataforma Netflix, baseada na obra de Daria Polatin, apresenta o sinistro como um fenômeno que segue uma dupla análise psicanalítica e literária: primeiramente, como uma perspectiva da perturbação da vida cotidiana por uma sensação de estupefação ameaçadora, derivada da interferência estética que perturba a experiência de acordo com as qualidades literárias/ficcionais de desrealização e despersonalização; enquanto, por outro lado, define a própria literatura de horror como um discurso do sinistro, na medida em que opera segundo um princípio de desfamiliarização, desafiando crenças e suposições sobre o mundo e sobre a realidade. Esta pesquisa mostrou que a dimensão sinistra da literatura de horror é uma manifestação de um lastro da transgressão em que se baseia a possibilidade do sinistro, a partir das condições promovidas pelas ideologias iluministas de Freud.

Palavras-Chave: Sinistro. Literatura de Horror. Medo. Psicanálise. *Devil in Ohio*.

SINISTER IN HORROR LITERATURE: PSYCHOANALYSIS OF FEAR IN DEVIL IN OHIO

Abstract: In horror literature, the sinister is a variety of aesthetic experience that alters what is known, dyeing it with shades of the unknown to become disturbing. The objective of this study was to show that the Freudian critique of the sinister helps to understand the conditions of production/manipulation of the subject in horror literature, based on the literary narrative analysis of the cinematographic work *Devil in Ohio*. A bibliographical review was carried out, in books, articles and virtual academic databases, published between 2013 and 2022, that dealt with the psychoanalysis of fear in horror literature. The *Devil in Ohio* miniseries, released by the Netflix platform, based on the work of Daria Polatin, presents the sinister as a phenomenon that follows a double psychoanalytic and literary analysis: first, as a perspective of the disturbance of everyday life by a feeling of threatening stupefaction, derived from aesthetic interference that disturbs the experience according to the literary/fictional qualities of derealization and depersonalization; while, on the other hand, it defines horror literature itself as a discourse of the sinister, insofar as it operates according to a principle of defamiliarization, challenging beliefs and assumptions about the world and about reality. This research showed that the sinister dimension of horror literature is a

¹ Mestranda – PPGEL/FAALC/UFMS. Licenciada em Letras – Português/Inglês – Unicesumar. Especialista em Literatura Brasileira - Faculdade Focus. ORCID: 0000-0003-3851-8369.

manifestation of a ballast of transgression on which the possibility of sinister is based, based on the conditions promoted by Freud's Enlightenment ideologies.

Keywords: *Sinister. Horror Literature. Fear. Psychoanalysis. Devil in Ohio.*

Introdução

Ao contrário de outras formas das concepções freudianas do aterrorizante ou do perturbador, o sinistro alude a um modo de vivenciar que nos expõe a uma espécie de subversão na vivência do que é próximo e conhecido, distorcendo a experiência estético-emocional em que as categorias do íntimo e do alheio deixam de funcionar como demarcadores clássicos da distinção sujeito/objeto.

O sinistro na literatura de horror seria, nesse entendimento, uma variedade do conhecimento estético em que o que antes era conhecido adquire subitamente o aspecto do desconhecido, tendo como efeito a sensação perturbadora de que o que era próximo e familiar é visto tingido com os tons do desconhecido e do perturbador. Os processos de criação do sujeito, a partir das interferências do conceito de *Unheimlich*, proposto por Freud, constituem um dos fenômenos mais importantes da intertextualidade entre a literatura de horror e a psicanálise (SOARES, 2019).

A partir disso, surgiu a necessidade de abordar sobre o sinistro na literatura de horror, a fim de viabilizar o entendimento da construção do indivíduo em narrativas ficcionais. Assim, a razão deste estudo foi mostrar que a crítica freudiana do sinistro auxilia na compreensão das condições de produção/manipulação do sujeito na literatura de horror, partindo da análise literária narrativa da obra cinematográfica *Devil in Ohio*.

Para que isso fosse possível, utilizou-se, como fundamentação metodológica, a revisão bibliográfica, em livros, artigos e bancos de dados acadêmicos virtuais, tais como: SciELO, Elsevier e Scholar Google, selecionando-se obras publicadas entre 2013 e 2022, em língua portuguesa, língua inglesa e língua espanhola, abordando a psicanálise do medo na literatura de horror.

O sinistro na literatura de horror

Luz (2019), em seus estudos, pontua que, para compreender a literatura de horror em seus aspectos primordiais, é importante, antes, entender o conceito de “Sinistro” e sua influência na psicanálise e na literatura. Para esse estudioso, o sinistro

alude a um modo de viver que expõe o indivíduo a uma espécie de subversão na experiência do que é próximo e conhecido, ou seja, a experiência estético-emocional é distorcida, de modo que as categorias do íntimo e do alheio deixam de funcionar como demarcadores clássicos da distinção sujeito/objeto para se transformarem em algo desconhecido, gerando certa sensação de desconforto no leitor.

Alguns exemplos clássicos dessa dinâmica de distorção podem ser observados em diversas personagens da literatura de horror. Entre elas, pode-se apontar: Drácula – personagem vampiresco, uma criatura que, um dia foi humana, mas que é apresentada por Bram Stoker como um ser demoníaco, fazendo um contraponto à igreja e à criação “perfeita” de Deus; o monstro de Frankenstein – personagem da obra de Mary Shelley, no qual se nota a distorção dos objetivos da ciência mediante a supérflua criação de um ser que nunca seria aceito pela sociedade; e Pennywise – personagem da obra de Stephen King, uma criatura que, por sua forma similar à de um palhaço circense, deveria ser um símbolo da alegria da infância, mas, na realidade, apresenta-se como uma entidade perversa e sanguinária, que se alimenta do medo das crianças (BASSO; MARQUES, 2018; LIMA; PEREIRA, 2018; MARIZ, 2015).

Para construir tais personagens e ambientar o leitor em cenários, muitas vezes, distópicos e assustadores, nas obras literárias, cinematográficas e, mais recentemente, nos videogames, é necessário que o autor utilize determinadas ferramentas que gerem a sensação de medo intencionada, como os símbolos, os estímulos e a atmosfera.

Ressalta-se, nesse sentido, que, nos livros, os cenários e as sensações são descritos por meio de palavras, que levam o leitor a imaginar e, conseqüentemente, a experimentar aquilo que as personagens estão vivenciando. Nos filmes, por outro lado, o espectador recebe essas informações por intermédio de estímulos audiovisuais, pensados a partir da disposição dos objetos na cena, dos quadros filmados e das sensações auditivas para criar uma atmosfera de medo.

Tudo leva a uma sensação daquilo que Terêncio, em seu estudo sobre a angústia e o horror, apresenta no prazer pelo desprazer. A angústia, gerada pelo que o sinistro simboliza, está relacionada a algo intrínseco ao ser humano, isto é, pelo instinto de sobrevivência, que a análise freudiana trata em “Além do princípio do prazer”.

Entende-se, desse modo, que as histórias de terror são uma ferramenta de sobrevivência que existe desde o princípio da humanidade, de modo que, historicamente, “[...] o gótico aprofundava o fascínio pelo horrível, pelo repelente, pelo grotesco e

sobrenatural, pelas atmosferas de mistério e suspense, pelo medieval” (TERÊNCIO, 2013, p. 61).

Esse fascínio pelo despertar dos instintos animais do ser humano, que leva os indivíduos a retornarem a um estado vigilante, gerado pela necessidade da sobrevivência, é amplamente estudado pela Psicanálise. Entre os autores que abordam esse assunto, destaca-se Freud, conhecido como o "pai da psicanálise". Esse autor, em seus estudos, apresenta a concepção de *Das Unheimlich*, cuja definição pode ser entendida como aquilo que é estranho ou inquietante.

Para Freud,

[...] o tema do “estranho” [...] relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador - com o que provoca medo e horror; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Ainda assim, podemos esperar que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso de um termo conceitual peculiar. Fica-se curioso para entender que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como “estranhas” determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador (FREUD, 1976, p. 276 *apud* SOARES, 2019, p. 5).

O fragmento acima destaca que o sinistro, na literatura de horror, seria, então, uma variedade da experiência estética do leitor, em que o que antes conhecido adquire subitamente o aspecto do desconhecido, tendo como efeito a sensação perturbadora de que o que era considerado próximo e familiar é tingido com os tons do desconhecido e do perturbador, como uma consequência de experiências e impressões sensoriais.

A psicanálise do medo como criador do sujeito em *Devil in Ohio*

Considerando-se o que foi tratado sobre as concepções do sinistro, pode-se, então, analisar a influência do medo como criador do sujeito, na minissérie *Devil in Ohio*. A série, produzida e lançada pela plataforma Netflix, em 2022, baseou-se na obra de Daria Polatin, de 2017, e retrata a vida de Mae, uma menina que foge da sua comunidade, tentando salvar-se de um culto satânico, e é acolhida por Suzanne, psiquiatra do hospital em que ela foi atendida.

Já nos primeiros episódios, encontramos um dos diversos elementos que apresentam a questão da distorção estético-emocional evidente na ideia do sinistro: uma comunidade afastada que tem tradições relacionadas a cultos satânicos. Essa

comunidade, extremamente fechada, assenta-se em uma cultura patriarcal, em que Malachi, pai de Mae, exerce o papel de pastor e líder, enquanto sua esposa submete-se às suas vontades e exigências, assim como as demais mulheres que ali habitam. A submissão do ser feminino é vista, ainda, na seleção de um grupo de mulheres solteiras que servem a comunidade, isto é, devem se sujeitar às vontades carnis dos homens que ali vivem.

Tal mistura entre a cultura da preservação das crenças de uma sociedade patriarcal, que ainda é algo intrínseco na sociedade atual, a religiosidade e o culto ao que é malvisto pela moralidade cristã, além da fuga da personagem principal e o seu comportamento impulsivo, remetendo o espectador aos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático, demonstra a dualidade entre o que é conhecido e o que é desconhecido, como se espera para uma proposta de enredo de horror.

A obra de Polatin é repleta de simbolismos que causam essa perturbação no espectador, entre eles, o espantalho, que está presente no primeiro episódio da minissérie, é posicionado, de forma tradicional, em uma cruz. No entanto, sua cabeça é feita de uma cabeça de porco e, em seu braço, encontra-se um corvo.

Esse elemento, apesar de ter como função afugentar animais da plantação, especialmente pássaros, não foi colocado com essa intenção, porém, como um signo de oferenda à entidade cultuada por aquela coletividade, desvirtuando a simbologia do crucifixo, o que se torna ainda mais explícito no decorrer da cena, em que se observa um entalhe na madeira que está intimamente associado aos hábitos culturais daquela comunidade em momentos de crise. Além de encontrarmos, na cena, a cabeça de porco, a qual, em escrituras da doutrina/mitologia Cristã, simboliza um animal impuro, impróprio para o consumo e que não deve nem mesmo ter sua carcaça tocada (SOUZA, 2016).

Nota-se, com isso, que tanto o livro como a minissérie apresentam o sinistro como um fenômeno que segue uma dupla análise psicanalítica e literária: por um lado, como uma perspectiva da perturbação da rotina da vida cotidiana por uma sensação de estupefação ameaçadora, no que se poderia chamar de uma interferência estética que perturba a experiência de acordo com as qualidades literárias ou ficcionais de desrealização e de despersonalização; e, por outro, definindo a própria literatura de horror como um discurso do sinistro, na medida em que ela opera segundo o princípio de desfamiliarização do *Unheimlich*, ou seja, transformando o familiar no estranho, desafiando crenças e suposições sobre o mundo e sobre a realidade (PAIM FILHO et al, 2013).

Nesse sentido, ao entrarmos no campo da psique, podemos perceber, na construção da narrativa da série, que a relação entre a despersonalização e a desrealização das personagens principais se estabelece desde o primeiro episódio, com a fuga de Mae. No decorrer dos episódios, o enredo apresenta Mae sendo violentada física e psicologicamente para a preparação de um ritual que seria feito para salvar a comunidade. A personagem teria sido escolhida como esposa de Lúcifer e, portanto, deveria ser entregue a ele como um sacrifício para que as plantações, que alimentavam o vilarejo, pudessem florescer novamente.

Durante a preparação, e por não aceitar seu destino, Mae é amarrada e marcada com um pentagrama nas costas, entretanto, consegue fugir pelo milharal até chegar em uma estrada. A cena da fuga mostra uma atmosfera sombria, acompanhada, na série, por uma trilha sonora que se assemelha a um cântico, com diversos cortes sobrepostos da personagem correndo desesperada. Todo o cenário assemelha-se a um pesadelo, em que a jovem precisa fugir do monstro para sobreviver, embora esse ser demoníaco nunca apareça nas cenas. Essa atmosfera demonstra de forma clara o processo de desrealização e de despersonalização que se quer transmitir para o espectador.

Em outro momento, a contraposição entre esse primeiro contato do espectador com a personagem e sua aparição no hospital nos leva ao cerne da concepção desse processo, que se constitui a partir das (re)ações impulsivas de Mae, as quais se baseiam no trauma experienciado por ela. Tal fato nos conduz a perceber que, na narrativa, a realidade é distorcida como um fenômeno do instinto de sobrevivência da personagem. Desorientada, Mae fecha-se em seu silêncio e em suas crises, precisando ser medicada, o que faz com que ela tenha alucinações e *flashbacks* do que aconteceu, reagindo instintivamente mais uma vez.

O discurso do medo, então, como objeto de análise literária e psicanalítica, permite alcançar, como afirmam Santos e Castro (2020), o auge da própria transformação do indivíduo, que se reconstitui mediante suas experiências e do trauma que elas causam no sujeito. Vale lembrar que a palavra trauma, na psicanálise, não se relaciona apenas à ideia de violência ou de abuso, mas a qualquer evento que marque profundamente a psique humana, o que, em um sujeito ficcional, auxilia o autor a construir determinadas características do personagem, especialmente sua personalidade e sua visão de mundo, fazendo com que o leitor/espectador possa ou não sentir empatia e conectar-se com a experiência proposta pela narrativa.

É evidente que a psicanálise tem se alimentado da tragédia porque contém um código universal de confronto entre natureza e cultura, entre desejo inconsciente e realização impossível, do eterno retorno da condição humana. A divisão do sujeito é trágica, necessária e insolúvel e justamente aí se evidencia a condição do trágico com a postulação do inconsciente freudiano.

Conclusão

Este estudo destaca que, ao definir o sinistro como aquela forma de terror experimentada quando o oculto vem à tona, a dimensão sinistra da literatura de horror é uma manifestação de um lastro do qual o ser humano tenta se livrar, mas que teimosamente retorna na forma de espectros que atormentam e ofuscam o brilho da razão, surgindo dentro dos limites do que está mais próximo da experiência humana.

Isso demonstra que a transgressão, em que se baseia a possibilidade do sinistro, encontra seu quadro de inteligibilidade nas condições promovidas pelas ideologias iluministas de Freud, a partir do que o psicanalista trata como *Unheimlich*, em que o duplo movimento de afirmação e de negação humana faz do sujeito o ponto de fuga para onde converge um novo poder de descoberta e de criação, mas que, simultaneamente, revela a degradação de sua supremacia em relação ao que realmente existe.

Referências

BASSO, Eugênia Adamy; MARQUES, Eduardo Marks de. O corpo (não) humano e sua importância na questão identitária: o monstro de Frankenstein ou Prometeu moderno.

Raído, v. 12, n. 31, p. 183-195, 2018. Disponível em:

<<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/8303>>. Acesso em fevereiro de 2023.

FREUD, S. “O estranho”. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**.

Jayme Salomão (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, v.17, p.275-314, 1976.

LIMA, Maiane Paranhos; PEREIRA, Rita de Cassia Mendes. Considerações sobre o gótico e seus reflexos na sociedade: uma leitura de Drácula, de Bram Stoker. **Revista de Letras**, v. 20, n. 31, 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3273/5928>>. Acesso em fevereiro de 2023.

LUZ, Anette Blaya. O ESTRANHO NA LITERATURA E NA PSICANÁLISE. **Revista Conteúdo PSI**, v. 1, n. 1, v. 1, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=be3tDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA14&dq=literatura+de+horror%3B+SINISTRO%3B+psican%C3%A1lise&ots=HcNRpjdzZO&sig=Z3GQ2CJc_FiUYKoOZCFMCtzPbJ4&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em janeiro de 2023.

MARIZ, Flávia Najar Gonzales. **Bons sonhos ou bons pesadelos: os modos e elementos infantis na obra de Stephen King**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação-Habilitação em Produção Editorial)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/576>>. Acesso em fevereiro de 2023.

NETFLIX. **Devil in Ohio**. Netflix, 2022. Disponível em: <[https://www.netflix.com/watch/81036544?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2CNAPA%40%40%7Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276_titles%2F1%2F%2Fdevil%20in%20%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276_titles%2F1%2F%2Fdevil%20in%20%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276_titles%2F1%2F%2Fdevil%20in%20%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276%7C1%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A81029704](https://www.netflix.com/watch/81036544?trackId=255824129&tctx=0%2C0%2CNAPA%40%40%7Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276_titles%2F1%2F%2Fdevil%20in%20%2F0%2F0%2CNAPA%40%40%7Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276_titles%2F1%2F%2Fdevil%20in%20%2F0%2F0%2Cunknown%2C%2Cc145d2b6-0372-4de9-b9bb-97bf451967b8-154654276%7C1%2CtitlesResults%2C%2CVideo%3A81029704)>. Acesso em janeiro de 2023.

PAIM FILHO, I. FLECK, C. SACCHET, J. ARAÚJO, K. D. A. Das unheimliche: O horror ao saber e o fascínio do não saber. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, p. 593, 2013. Disponível em: <http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/Psican%C3%A1lise_v14_n2_2013-14.pdf>. Acesso em fevereiro de 2023.

POLATIN, D. **Devil in Ohio**. Feiwel & Friends, 2017.

SANTOS, Janaina de Jesus; CASTRO, Leanne de Jesus Pereira. Rose Red: uma leitura discursiva da materialidade fílmica. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 8, n. 3, p. 291-308, 2020. Disponível em: <periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2113/0>. Acesso em janeiro de 2023.

SOARES, L. A. *Das Unheimliche* ou “O Estranho”, de Freud. **REVISTA ABUSÕES**, n. 10, v. 10, ano 05, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/abusoes.2019.42193>>. Acesso em novembro de 2022.

SOUZA, José Wellington de. Porcos, humanos e lobisomens no imaginário rural: o uso estrutural do animal como símbolo que define a humanidade. **ILUMINURAS**, v. 17, n. 42, 2016. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/69984>>. Acesso em janeiro de 2023.

TERÊNCIO, M. G. **O horror e o outro**: um estudo psicanalítico sobre a angústia sob o prisma do “*Unheimlich*” freudiano. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122622>>. Acesso em novembro de 2022.